

Revista Brasileira de Marketing

E-ISSN: 2177-5184

admin@revistabrasileiramarketing.org

Universidade Nove de Julho

Brasil

Garcia, Wilton

Comunicação, tecnologia e subjetividade: apontamentos estratégicos

Revista Brasileira de Marketing, vol. 7, núm. 1, 2008, pp. 83-89

Universidade Nove de Julho

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=471747517010>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

Comunicação, tecnologia e subjetividade: apontamentos estratégicos¹

Wilton Garcia

Doutor em Comunicação pela ECA/USP;
Pós-doutor em Multimeios pelo IA/Unicam;
Professor do Programa de Mestrado em Semiótica,
Tecnologias da Informação e Educação – UBC.
São Paulo – SP [Brasil]
wgarcia@usp.br

Este texto desenvolve uma reflexão crítica sobre comunicação e tecnologia enquanto produção de conhecimento e subjetividade, ao considerar os aspectos socioculturais e políticos. Como atribuir (re)dimensões de valores ideológicos aos tecnológicos? Nesse contexto, privilegia-se uma situação emergente acerca da implantação do Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTVD). Corpo, experiência e imagem elencam-se como categorias críticas, as quais se inscrevem de modo diluído ao longo dessa pesquisa, a partir da linguagem – estratificada entre cultura e representação. Dos estudos culturais às novas tecnologias, evocam-se os estudos contemporâneos (do corpo, da cultura, da linguagem e das novas tecnologias). Assim, tais estudos (BHABHA, 1998; CANCLINI, 1998; COSTA, 2004; EAGLETON, 2005; GUMBRECHT, 1998; HALL, 2003; HUTCHEON, 2000; LÉVY, 1999; MATURANA, 1997; YÚDICE, 2004), estrategicamente, contextualizam uma abordagem teórico-metodológica para evidenciar noções de atualização e inovação. A metodologia, aqui, constitui-se a partir da descrição de objetos e respectivos contextos a serem investigados de modo multidisciplinar.

Palavras-chave: Comunicação. Estudos contemporâneos. Linguagem. Tecnologia. Subjetividade.

1 Introdução

A revolução tecnológica invade a contemporaneidade e garante um “novo/outro” estatuto das representações midiáticas, sobretudo o falso alarme crescente e progressivo de sofisticação. Atualmente, essa sofisticação parece (re)semantizar as diretrizes comunicacionais.

De um lado, apresentar um objeto tecnológico (telefone celular, aparelho mp4 ou TV digital) que acaba de ser lançado no mercado, ironicamente, torna-se uma imagem excessiva (*up today*) na contemporaneidade. Seria a idéia de acompanhar as novidades no mercado, o que existe de mais atual em termos de produtos midiáticos. De outro, agora, a audiência – (tel)espectador, platéia, público, consumidor – se traduz em usuário-interator ao ativar uso e função dos aparelhos/dispositivos digitais. O usuário-interator, interage de forma mais ativa ao adicionar ações participativas com a (re)dimensão colaborativa, cooperativa e compartilhada.

Imagina-se, então, a possibilidade de obter e usufruir uma TV digital no Brasil!?

Essa premissa pondera a dinâmica de aspectos socioculturais e políticos junto à cultura digital no país que, hoje, promove mudanças significativas na percepção humana em prol de um *status* – uma singularidade efervescente que acusa diferencial. Diante de uma economia do saber, enquanto síntese reflexiva, englobam-se fatores humanos e tecnológicos, capazes de expressar uma produção de conhecimento.

Segundo Nestor Canclini,

O projeto *renovador* abrange dois aspectos, com freqüência complementares: de um lado, a busca de um aperfeiçoamento e inovação incessantes, próprios de uma relação com a natureza e com a sociedade liberada de toda uma prescrição sagrada sobre como deve ser o mundo; de outro, a necessidade de reformular várias vezes os signos de distinção que o consumo massificado desgasta (1998, p. 31-32, grifo nosso).

É nesse viés que os apontamentos estratégicos, no título deste texto, indicam o destino exploratório e reflexivo. Nota-se que as transformações tecnológicas, que são enfoques evidentes no planejamento midiático e mercadológico, atualizam as diretrizes da sociedade. Mais do que isso, fica a expectativa de observar as matizes conceituais e pragmáticas que

possam projetar inscrições discursivas que acionam a demanda emergente da TV digital no país.

Para Jurandir Freire Costa (2004, p. 180),

Dinheiro e objetos não secretam ética ou sentido da vida. Se toda a sociedade brasileira pudesse comprar o que os mais ricos compram e viver como eles vivem, em nada mudaríamos a estupidez do ideal de felicidade dominante.

2 As tecnologias também conduzem ao debate do consumo!

Na esteira desse pensamento, a sociedade brasileira tem testemunhado um leque de transformações promovido pelas tecnologias digitais. São modificações que trazem a imagem de sofisticação, do ponto de vista estético, plástico e conceitual, e, consequentemente, introduzem uma discussão perceptiva sobre valores materiais e humanos. A percepção, agora, eleva-se pelo substrato cognitivo mais acelerado, para além de mera aquisição de conhecimento, e tais transformações organizam-se por estratégias discursivas; afinal, elegem condições adaptativas para ressaltar as predicações digitais na mídia e no mercado, por exemplo.

Nota-se que mídia e mercado sincretizam-se paulatinamente como espaços de agenciamento/negociação de mercadorias e serviços e bens simbólicos, uma vez que a tecnologia se torna território flexível de atualizações, avanços e inovações. Esse sincretismo fomenta os anseios particulares, bem como os de comum acordo: cada um, mídia ou mercado, beneficia-se como pode na concorrência. Fica evidente, então, que concorrer gera desafios para constituir a complexidade crítica de um olhar atento ao somatório comunicação, tecnologia e subjetividade.

A partir disso, elaboram-se as seguintes questões: como atribuir (re)dimensões de valores ideológicos aos tecnológicos? Como considerar, politicamente, a passagem de conhecimento em tecnológica? Quais implicações socioculturais e políticas diante do Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTV)? O que (de)marca a transposição do sistema analógico para o digital? Qual a relevância da subjetividade nesse contexto? É possível dizer que os estudos contemporâneos produzem uma perspectiva mais versátil?

Este texto, portanto, desdobra uma reflexão crítica sobre comunicação e tecnologia enquanto

produção de conhecimento e subjetividade, ao considerar os aspectos socioculturais e políticos. Ao imbricar os traços tecnológicos, culmina-se o entorno de apontamentos estratégicos. Aqui, pretende-se (des)envolver algumas idéias e considerações crítico-conceituais (inter)mediadas pelo encontro de comunicação, tecnologia e subjetividade.

Nesse contexto, privilegia-se uma situação emergente acerca da implantação do SBTVD. O desenvolvimento desse sistema equaciona interesses políticos e socioculturais, além de ressaltar a capacidade técnica que amplia a demanda entre mídia e mercado de bens e consumo.

Logo, corpo, experiência e imagem arrolam-se como categorias críticas, que se inscrevem de modo diluído ao longo desta pesquisa, a partir da linguagem – estratificada entre cultura e representação (GARCIA, 2007). Com isso, ativa-se uma produção de conhecimento que possa otimizar “novos/outros” saberes, cujas estratégias registram diferentes estados de apreensão perceptiva/cognitiva. E organiza-se, nesse eixo, um mapeamento pontual de bifurcações e percursos possíveis.

O tecido teórico-metodológico visa constituir uma rede de perspectivas (multi/inter)disciplinares com seus deslocamentos. Isso se dá com a descrição de objetos e respectivos contextos a serem investigados. Dos estudos culturais às novas tecnologias, evocam-se as análises contemporâneas (do corpo, da cultura, da linguagem e das novas tecnologias). Nesse sentido, as teorias acerca da nova economia e do mercado globalizado, acentuadas à tecnologia da informação, especulam a respeito da atual situação da sociedade, do mercado e suas propriedades produtivas. Esse procedimento promove a paisagem da proposição instrumental dos estudos contemporâneos.

Dante de tais informações, apresentam-se quatro tópicos que se complementam em sua extensão discursiva: O contemporâneo; Dos estudos contemporâneos; O tecnológico, e SBTVD. Essa divisão contextualiza o recorte de um panorama proposto por inquietações e pressupostos, além de tentar aprofundar o debate com a verticalização de idéias.

3 O Contemporâneo

Para pensar as implicações crítico-conceituais que assolam o contemporâneo, é preciso (re)considerar as atualizações. Atualizar é ater-se incondicionalmente ao novo e à modificação.

Diferente disso, ao discutir o fundamentalismo contemporâneo, Terry Eagleton questiona: “[...] por que os antisemitas deveriam presumir, como fazem os *designers* de moda e os programadores de horários de TV, que a ausência de mudança é sempre indesejável [para o capital]?” (2005, p. 259-260)

Acredito que atualizações esboçem inquietações em sua peculiaridade enunciativa, quando adicionam um olhar investigativo sobre inovações temáticas da sociedade e do mercado de bens e serviços. Com isso, atualizar, avançar e inovar são argumentos aqui bastante ponderados pelas transversalidades que suturam “novos/outros” olhares.

As representações incomensuráveis no contemporâneo, em suas múltiplas (re)configurações, evidenciam a articulação de estratégias discursivas. Estas são mecanismos que (re)instauram a condição adaptativa da educação em diálogo com a tecnologia, cuja leitura crítica evidencia a subjetividade.

Interessa abordar o agora: instante em que se vivencia a imediata experiência como manifestação emblemática, em um estado contingencial, incorporado à relação dinâmica e flexível de tempo-espaco. Mais que designar a questão temporal ou espacial, o contemporâneo destaca uma (re)dimensão conceitual ao circunscrever a prática dos fenômenos atualizados por sua expressão enunciativa.

Isso reconduz a implementação conceitual do contemporâneo, ao se demonstrar como território de reverberações e desafios em que noções, fundamentos, conceitos e pressupostos são atualizados, ou seja, trata-se de uma atualização constante em passagens inteligíveis e sensíveis no mundo; portanto, é preciso abordar o deslocamento e a flexibilidade como possibilidade de uma leitura crítica a ser elaborada.

A contemporaneidade, neste artigo, deve ser observada pela linhagem teórica de Homi Bhabha (1998). À compreensão sobre as qualidades inventivas do contemporâneo – provisório, parcial, inacabado, efêmero – é necessário (re)pensar seus efeitos de sentidos. O efeito torna-se um atrator significativo para o impacto, a surpresa, a novidade. No contemporâneo, desdobram-se categorias críticas – corpo, experiência e imagem –, que fazem emergir o embate de “novos/outros” saberes na produção do conhecimento.

As impressões acerca do contemporâneo inserem “novas/outras” abordagens e leituras crítico-conceituais, capazes de prolongar os enunciados no trânsito midiático. O contemporâneo (sub)verte e transgride os cânones do sistema dominante (*mainstream*), tendo em vista as diferentes

manifestações testemunhadas, atualmente, em ações emergentes.

Nesse caso, a idéia de contemporâneo refere-se à atualização da linguagem – estratificada por cultura e representação. De um lado, a cultura está atrelada à experiência humana, ao acompanhar os fatores inerentes às discursividades enunciativas; de outro, a representação estimula uma saída contundente pela subjetividade – espaço de (im)possibilidades simultâneas, espaço de criação.

Assim, a linguagem hoje é vista/lida de forma fragmentada, não-linear, complexa, pública (vide o uso polivalente de telefones celulares, câmeras de vídeo-segurança, gravadores digitais de mp4, aparelhos de DVD ou TV digital, entre outros). As (re)dimensões tecnológicas desses aparelhos/dispositivos apostam nas inovações compartilhadas e colaborativas. Por assim dizer, no exercício de usabilidade e funcionalidade das novas tecnologias de informação e comunicação, arranjadas pelas respectivas atualizações.

É fato que atualizar implica resgatar parâmetros de recorrências que se desenvolvem ao longo de cada evento/acontecimento. Segundo Humberto Maturana (1997), isso indica um estado embrionário de agenciamento/negociação, que propicia a troca de rede de conversações discursivas sobre determinadas coordenadas de condutas da linguagem.

Tal situação se vê/lê impregnada pelo esforço de co-relacionar os códigos intersemióticos, disponibilizados nas diversas redes criadas pelo usuário-interator, visto que a (re)configuração dos códigos verbais, visuais e sonoros são, cada vez mais, reverberados pelos suportes hipermediáticos.

4 Dos estudos contemporâneos

Para descrever a dinâmica híbrida que relaciona comunicação, tecnologia e subjetividade, enfatiza-se a indicação dos estudos contemporâneos (BHABHA, 1998; CANCLINI, 1998; CANCLINI, 1998; COSTA, 2004; EAGLETON, 2005; GUMBRECHT, 1998; HALL, 2003; HUTCHEON, 2000; LÉVY, 1999; MATORANA, 1997; YÚDICE, 2004). Trata-se de uma proposição emergente. Esses estudos investigam fundamentos, conceitos, teorias, métodos, técnicas e críticas para realizar pressupostos e mediações de experiências, cujos aspectos sincréticos reforçam e revelam um registro aberto – em constante transformação.

Estrategicamente, essas leituras contemporâneas contextualizam uma abordagem teórico-metodológica, ao propor desdobramentos de redes enunciativas que se (re)formulam mediante a convergência de assuntos como a tecnologia da informação e da comunicação. Tais estudos apresentam atualizações sincréticas e vasculham uma linhagem teórico-política, associada ao sistema de linguagem. Isso evidencia as noções de atualização e inovação.

Com efeito, esses estudos elegem diferentes anotações axiológicas, epistemológicas e ontológicas para fomentar intercâmbios discursivos, relativos aos estudos culturais (EAGLETON, 2005; BHABHA, 1998; HALL, 2003) e suas variantes – multiculturalismo, pós-colonialismo e diásporas –, com o desenvolvimento das tecnologias digitais da informação, (re)nomeadas de hipermídia.

Esses estudos atualizam a cooperação entre globalização, ecologia e novas tecnologias (EAGLETON, 2005), a fim de se concentrar na prestação de serviço e/ou responsabilidade social. Na verdade, isso faz reiterar alguns critérios de reflexão (e ação) teórico-política, para além dos enfrentamentos pós-marxistas e pós-estruturalistas.

A respeito do trânsito do contemporâneo, é notório haver uma perspectiva (multi/inter)disciplinar de argumentos sincréticos sobre comunicação, tecnologia e subjetividade. As impressões subjetivas acerca do contemporâneo inserem novas abordagens e leituras capazes de prolongar os enunciados que escapam – ou propositalmente criam vertigens – do trânsito midiático.

As atualizações conceituais, efetivamente, esboçam a área dos estudos contemporâneos em sua intensidade descritiva. O exercício da descrição atualiza o objeto, sua representação e seu contexto, visto que ocorre uma reiteração discursiva. Esse procedimento metodológico é um modo de:

- 1) Identificar os elementos que compõem o objeto investigado;
- 2) Situar o recorte do objeto, e
- 3) Enumerar e qualificar traços representacionais do contexto.

Nesse caso, descrever é reportar, traduzir informações. O ato de descrever, então, explora e perfaz a inscrição discursiva do objeto e seu entorno. Mais do que isso, torna-se uma atividade de pesquisa atenta à observação, cujo processo metodológico deve considerar e ponderar os fatores recorrentes ao objeto e seu ambiente. A lógica da descrição é fac-

tual, direta, objetiva; embora seja uma metodologia que prevê a descrição, inclui também as impressões do pesquisador que observa, vivencia e participa do objeto, a representação e o contexto descritos.

Do contemporâneo ao tecnológico, assiste-se ao desenvolvimento elástico das fronteiras expostas pela cultura digital. Efetivamente, a perspectiva desses estudos deve (con)centrar-se nos desafios atuais sobre comunicação e tecnologia, mais especificamente no enfoque temático que absorve a diversidade da subjetividade.

5 O tecnológico

As transformações que, cada vez mais, a hipermídia apresenta articulam a relação entre comunicação, tecnologia e subjetividade perante a arquitetura virtual e o espaço imersivo. A oferta tecnológica é grande. O que pode ser mensurado é (re)trabalhado com as derivativas técnicas de *softwares*, plataformas e programas.

Os avanços e as inovações tecnológicas assinam a (r)escritura contemporânea, isto é, uma cartografia labiríntica pode acionar vestígios instrumentais, em que o deslocamento do usuário-interator se faz com sua navegação na cultura digital.

A cibercultura, por exemplo, investe numa atmosfera flexível: um espaço complexo, sofisticado e sintético de tratamentos epistêmicos para pensar as manifestações das tecnologias, da comunicação e da subjetividade contemporânea (GARCIA, 2005). A TV digital pode e deve também ser ancorada por esse feito.

Registra-se a linguagem (de cultura e representação) que operacionaliza uma teia de informações distribuídas por certo grau polifônico, o qual toma conta dos processos virtuais. "A multimídia interativa como suporte digital, por exemplo, apresenta explicitamente a questão do fim do logocentrismo, de destruição de certa supremacia do discurso sobre os outros modos de comunicação [...]" (LÉVY, 1999, p. 105).

O ciberespaço destrincha-se num ambiente artificial de requisições computacionais, que são detectadas pelas redes de comunicação e informação. Assim, são abolidas as regularidades competentes de um sistema unívoco para a telepresença e sua interconectividade compartilharem do encantamento virtual.

Em decorrência da fragmentação dos processos de interatividade, é possível que, quanto mais

distante estiver o corpo do usuário-interator, em termo de geografia, melhor fica a experiência dos contatos intermitentes, visto que esse procedimento interpenetra a noção de imersão e navegação do/no corpo na experiência ciberspacial, em um movimento de interface neural, cognitiva, cerebral e/ou computacional.

Na condição adaptativa em que se apóia, como linguagem, a hipermídia mesura-se em uma inteligência coletiva (LÉVY, 1999) que reposiciona o virtual, em constantes mutações. Fora de qualquer materialidade, a competência das tecnologias digitais se (re)formula em modulações autônomas, cujo movimento heterogêneo/movediço demonstra uma instantaneidade de tempo-espacô. A TV digital, nesse caso, instaura-se como plataforma de conectividade.

6 Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTVD)

A implantação do Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTVD) ocorreu, formalmente, no dia 2 de dezembro de 2007, na cidade de São Paulo, acrescido de tecnologias desenvolvidas nas pesquisas das universidades brasileiras. O SBTVD pretende trazer, gradativamente, as características de sinal digital, alta definição (de imagem e som), multiprogramação (simultânea), interatividade e mobilidade (para aparelhos móveis).

É, de fato, uma plataforma tecnológica que acelera os recursos tecnológicos e a funcionalidade da comunicação audiovisual televisiva. De um lado, esses recursos demonstram maior grau de eficiência quando se fala em captação, armazenamento, distribuição e transmissão de informação; de outro, sua funcionalidade também pretende garantir melhor performance e desempenho comunicacional midiático, enquanto processo de interação com o telespectador.

Trata-se de uma base tecnológica diferenciada, com destaque para as novas mídias e as redes de interatividade. O *broadcasting* já não é mais o mesmo. Isso estabelece maior fluxo dinâmico de informação e comunicação, capaz de aprimorar valores enunciativos de síntese, simultaneidade, velocidade etc.

Portanto, evidencia-se a veiculação contemporânea da informação televisiva, atualizada pela inovação tecnológica. Do audiovisual ao hipermidiático, fica evidente que a proposição digital, do ponto de vista técnico, otimiza a proposta de uma padronização específica para atingir o mercado con-

temporâneo, embora a expansão do SBTVD ainda seja uma promessa (das empresas de telecomunicações e do Governo Federal) a ser cumprida. Nesse caso, o SBTVD torna-se um meio tecnológico de informação e comunicação em expansão que está na agenda dos debates acadêmicos, intelectuais e mercadológicos. Ele legitima a possibilidade de “novos/outros” saberes socioculturais, econômicos e políticos, ao compreender uma efetiva participação de ação corporal, experimental e tecnológica.

O SBTVD fomenta uma parcela significativa de armazenamento e envio de informação (som, imagem, texto) com maior grau de compactação. Longe de um julgamento de valor, isso gera uma amplitude de resultado e sofisticação bem como maior disposição imersiva do ponto de vista da navegação para (re)produzir informação. Também ativa e acelera ainda mais o contexto da cultura digital. Esse sistema inaugura uma experiência hipermediática cujos parâmetros cognitivos são reiterados pela inovação da proposta discursiva atenta às atualizações dos comandos tecnológicos.

Numa visão otimista, o SBTVD é um formato de recursos tecnológicos, por meio dos quais a população (usuário-interator) pode ter mais e melhor acesso à informação. É necessário destacar que o sistema compreende uma mudança perceptiva/cognitiva do ponto de vista da experiência humana, atualizando o modo de pensar as coisas e o mundo. Nesse sistema, o usuário-interator deve assegurar maior *status* de interatividade com o uso do controle remoto para seleção de canais, recebimento de informação acerca de materiais informativos e publicitários, bem como a realização de compra de produto e atendimento de serviço via *on-line*.

De modo geral, a participação do telespectador, traduzindo-se por usuário-interator, nessa vertente de TV digital, é mais acelerada perante o fluxo de possibilidades promovido pelos desdobramentos hipermediáticos. Embora haja ressalvas, isso pode, por exemplo, garantir praticidade no espaço publicitário. Inevitavelmente, ao se aproximar do SBTVD, quem parece ganhar, *a priori*, é o usuário-interator, pois, no mercado tecnológico, a sociedade pode ter mais oferta e acesso a uma tecnologia com maior e melhor qualidade.

Ao designar as atividades que assolam a TV digital, nota-se que seu desdobramento pressupõe sua utilização como plataforma tecnológica e meio comunicacional de acesso a serviços *on-line*, correio eletrônico, entre outros. A multifuncionalidade do aparelho também pode contribuir para a promoção da inclusão digital no país. Embora deva destacar

as tendências escusas de interesses políticos tanto governamentais quanto mercadológicos. O quarto poder se sobressai.

Notadamente, o Brasil poderia ser um produtor internacional de programas interativos hipermediáticos. Isso significa (re)unir habilidades técnicas e conceituais (capacidade profissional e intelectual – produção de conhecimento) acerca de áudio, vídeo e *software*, ao gerar divisas e propiciar um novo e inexplorado mercado de trabalho. Claro que é preciso implementar elementos criativos – (de)marcados de subjetividades – para aproximar a (re)dimensão de áudio, vídeo e *software*. No entanto, para que isso se efetivasse, seria necessário obter o domínio tecnoconceitual da cadeia de *software* envolvida no processo de produção e transmissão de programas na plataforma de TV digital. Além disso, tais *softwares* deveriam ser disponibilizados a baixo custo para promover a eclosão dessa possível parcela de um mercado adormecido.

A reflexão sobre essas questões equivale considerar uma linha de investigação (multi/inter)disciplinar que (re)inscreve o deslocamento e a flexibilidade da percepção de alguns apontamentos estratégicos sobre o usuário-interator no SBTVD. O posicionamento aqui enunciado absorve uma articulação empírica mediante frenéticas inovações do ambiente da mídia digital.

Communication, technology and subjectivity: strategic observations

This text presents a critical reflection of communication and technology as production of knowledge and subjectivity, considering the sociopolitical aspects. How to attribute new dimensions from ideological to technological values? In this context, an emergent situation about the implantation of the Brazilian system of digital TV (SBTVD) is analyzed. Body, experience and image are putted as critical categories that were introduced during this research, from the language – stratified between culture and representation. The article analyzes the contemporary studies from the cultural researches to the new technologies (analysis about body, culture, language and new technologies). Thus, contemporary studies (BHABHA, 1998; CAN-CLINI, 1998; COSTA, 2004; EAGLETON, 2005; GUMBRECHT, 1998; HALL, 2003; HUTCH-EON, 2000; LÉVY, 1999; MATURANA, 1997; YÚDICE, 2004) strategically contextualize a theoretical-methodological point of view to demonstrate concepts of upgrading and innova-

tion. The methodology is established by description of objects and their contexts to be investigated in a multidisciplinary way.

Key words: Communication. Contemporary studies. Language. Subjectivity. Technology.

Nota

- 1 Agradeço ao Grupo de Pesquisas Multidisciplinares em Tecnologias (GPMT) da Universidade Braz Cubas (UBC) pelo apoio no desenvolvimento deste trabalho, que faz parte da pesquisa atual: "Estudos contemporâneos: subjetividade, corpo e cultura digital".

Referências

- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana L. L. Reis e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloisa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 1998.

COSTA, J. F. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

EAGLETON, T. *Depois da teoria – um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GARCIA, W. (Org.). *Corpo & mediação: ensaios e reflexões*. São Paulo: Factash, 2007.

_____. *Corpo, mídia e representação: estudos contemporâneos*. São Paulo: Thomson, 2005.

GUMBRECHT, H. U. *Corpo e forma – ensaios para uma crítica não-hermenêutica*. Rocha, J. C. de C. (Org.). Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

HALL, S. *Da diáspora*. São Paulo: Editora UFMG, 2003.

HUTCHEON, L. *Teoria e política da ironia*. Trad. Julio Jeha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

LÉVY, P. *A inteligência coletiva – por uma antropologia do ciberespaço*. Trad. de Luiz Paulo Rouanet. 2^a ed. São Paulo, 1999.

MATURANA, H. *A ontologia da realidade*. Trad. Cristina Magro, Miriam Graciano e Nelson Vaz. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

YÚDICE, G. *A conveniência da cultura – o uso da cultura na era global*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

recebido em 17 abr. 2008 / aprovado em 26 maio 2008

Para referenciar este texto:

GARCIA, W. Comunicação, tecnologia e subjetividade: apontamentos estratégicos. *Cenários da Comunicação*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 83-89, 2008.

